

**EMPREGABILIDADE:
QUEBRA DE ALGUNS PARADIGMAS (Modelos)
Tendências do mercado de trabalho
A transformação do capitalismo industrial para o cultural**

Israel Brasil Adourian*

A) Introdução

Com a vertiginosa velocidade com que as mudanças estão sendo implementadas na economia global, com reflexos diretos na qualidade e quantidade da oferta de empregos, já passou do momento de as autoridades admitirem que alguns setores não são geradores de renda e de empregos, quebrando, desse modo, alguns paradigmas (modelos).

Analisando as estatísticas dos últimos duzentos anos nos EUA e dos últimos 80 anos no Brasil, constata-se que o setor agropecuário tem apresentado quadro **decrecente** de geração de riqueza e de empregos, quando comparado com outros setores da economia (indústria e serviço). Portanto, é de se questionar a afirmação de que a agricultura é a vocação do Brasil. Em outras palavras, esse modelo (paradigma) deve ser quebrado. Será demonstrado que agricultura é sinônimo de inovação tecnológica, não havendo, portanto, incremento de empregos, mas redução, com substituição imediata por tratores, plantadeiras, colheitadeiras e etc, cada vez mais modernos e informatizados.

O setor industrial apresenta dados noticiando a redução de empregos na economia de países desenvolvidos, em face da adoção de tecnologia cada vez mais avançada, implicando na transferência de empregos para o setor de serviços, que já representa entre 60 a 70% do PIB dos países ricos, inclusive do Brasil, no percentual de 56% do PIB.

Ocorre que o setor de serviços (informática, microeletrônica, computadores (internet), telecomunicações, robótica, marcas/patentes, biotecnologia e etc), implica na contratação de trabalhadores com elevado conhecimento.

Pergunta-se: onde trabalhará o operário sem estudo ou de baixa qualificação expulso da agricultura e da indústria tecnológica, substituídos por tratores mais modernos na primeira e por robôs na segunda? A saída é o terceiro setor, que já mostra a sua força, inclusive no Brasil. É o que se mostrará nas linhas vindouras.

* Juiz titular da Vara do Trabalho de Mineiros-GO.

B) A velocidade da evolução das mudanças

I - A EVOLUÇÃO DAS MUDANÇAS NO MUNDO

sociedade	duração	anos
nômades	200 a 100 milhões a.C.	100 milhões anos
nômades, utilização de utensílios	100 milhões a 10.000 a.C.	90 milhões anos
revolução agrícola	9.000 a.C. a 1.750 d.C.	10 mil anos
revolução industrial	1750 a 1950	200 anos
Informação e estética	1950 a

A vertiginosa velocidade com que as mudanças estão ocorrendo na nova economia, como consequência da globalização inexorável, impõe ao operador do direito e ao trabalhador a quebra de alguns paradigmas (modelos).

Por mais ou menos 100 milhões de anos a humanidade viveu de forma nômade. Aí ocorreu pequena mudança, pois continuou nômade mas passou a utilizar utensílios domésticos, vivendo desse modo por mais 90 milhões de anos.

A **1ª grande mudança** ocorreu quando passou a ser sedentário, dando início a revolução agrícola, processo que perdurou por mais ou menos 10.000 anos, de 9.000 a.C. a 1.750 d.C.

A **2ª grande mudança** ocorreu a contar de 1750 até 1950 com a descoberta da máquina a vapor, dando início a REVOLUÇÃO INDUSTRIAL.

A **3ª grande mudança** está em curso, com a sociedade da informação, a contar de 1950 ou 1956, onde predominam: a) microeletrônica; b) computadores (internet); c) telecomunicações; d) robótica; e) marcas e patentes; e, por fim, f) biotecnologia.

Em síntese, a revolução industrial durou apenas 200 anos:, a saber:

A) 1ª revolução industrial - ANO 1750 - uso do carvão/vapor;

B) 2ª revolução industrial - ANO 1860 - uso da eletricidade/petróleo;

C) 3ª revolução industrial - ANO 1956 - após a 2ª guerra mundial ou após o setor de serviço ter ultrapassado o industrial nos Estados Unidos ou o início da ROBÓTICA.

Portanto, a velocidade com que as grandes mudanças estão ocorrendo obriga os operadores do direito e os cidadãos/trabalhadores em geral, sempre estarem abertos ao novo.

C) Geração de Renda/Emprego e o Setor Agrícola - Mito ou Realidade

É comum ouvirmos que a vocação do Brasil ainda é o setor agrícola/pecuária, até porque no ano de 2003 exportamos 4,29 bilhões de dólares em soja.

Todavia, do ponto de vista histórico, econômico e trabalhista, o setor agrícola nos últimos 200 anos tem apresentado decréscimo de contratação de trabalhadores nos EUA, sendo que o peso da agricultura na formação do PIB (riqueza nacional) é irrelevante, seja com relação a países da economia central (EUA), bem como em relação a países periféricos (BRASIL), inclusive para o Estado de Goiás.

Dados estatísticos dos últimos 200 anos dos Estados Unidos e aproximadamente dos últimos 80 anos do Brasil, demonstram que efetivamente a participação do setor agropecuário não tem gerado renda e nem empregos, quando comparado com outros setores dinâmicos da economia global. Segue algumas tabelas:

II - POPULAÇÃO ENVOLVIDA COM O SETOR AGRÍCOLA

ANO	POPULAÇÃO AGRÍCOLA EUA ¹	ANO	POPULAÇÃO AGRÍCOLA BRASIL ²
1800	90%	1920	66,7%
1850	60%	1940	64,4%
1875	50%	1950	62,1%
1900	33%	1960	58,9%
1940	20%	1970	51,6%
1995	3%	1980	40,8%
2000	2%	2000	8,0% (Fonte: IBGE)

III - PARTICIPAÇÃO DA AGRICULTURA NO PIB DE ALGUNS PAÍSES

país	ano	agropecuária	indústria	serviços
EUA	1999	2%	26%	72% 75% (ano 2000)
Alemanha	2001	1%	31%	68%
Japão	2001	1%	32%	67%
França	2001	3%	26%	71%
Brasil	2001	8%	36%	56%
China	2001	15%	52%	33%

Fontes: Banco Mundial e IBGE

O país de maior produção agrícola do mundo, os Estados Unidos, possui apenas 2% de sua população envolvida em sua produção, sendo que a “riqueza” gerada pelo setor rural representa apenas 2% do PIB americano. **Vale frisar, a maior produção agrícola do planeta, que ocorre nos EUA, representa apenas 2% da riqueza americana, ou seja, é absolutamente irrelevante...**

IV - PRODUTIVIDADE AGRÍCOLA MÉDIA DO AGRICULTOR DE ALGUNS PAÍSES

EUA	46.000 dólares	França	53.785 dólares
Alemanha	29.553 dólares	Brasil	4.356 dólares
Japão	30.086 dólares	China	321 dólares

Fonte: Banco Mundial

A diferença de produtividade do trabalhador agrícola dos países mencionados na tabela acima variaram em função dos subsídios dados pelos países ricos a seus produtores rurais (300 bilhões de dólares por ano), dinheiro que passam a investir em novas tecnologias. Em outras palavras, a diferença de produtividade está diretamente relacionada ao **nível tecnológico** e não ao desempenho pessoal do trabalhador.

1. RIFKIN, Jeremy. O Fim dos Empregos, Makron Books, 1995.
2. Singer, Paul. A formação da classe operária, Editora Atual, 2ª Edição, pág. 61.

V - PARTICIPAÇÃO DA AGRICULTURA NO PIB DO ESTADO DE GOIÁS

ano	agropecuária	indústria	serviços
2001	17,54%	35,03%	47,43%

VI - ARRECADAÇÃO DE ICMS POR SETOR DE ATIVIDADE NO ESTADO DE GOIÁS

ano	agropecuária	indústria	serviços	outros
2003	3,04%	36,47%	55,78%	4,71

VII - QUANTIDADE DE CONTRIBUINTES POR ATIVIDADE NO ESTADO DE GOIÁS

ano	agropecuária	indústria	serviços	outros
11/05/04	66,66%	5,49%	25,28%	1,78

Fonte das 3 tabelas: Secretaria da Fazenda. SEPLAN-GO/SEFIN

Analisando as tabelas, conclui-se que 66,66% das empresas contribuintes de ICMS do Estado de Goiás são do setor agropecuário, mas recolhem apenas 3,04% da Receita Estadual e contribuem para a riqueza de Goiás com apenas 17,54% do PIB.

Aliás, a agricultura é responsável por apenas 5% da riqueza mundial, sendo que, a título de comparação, o turismo é responsável por 10% da riqueza mundial³.

Destarte, conclui-se que a população envolvida com o setor agrícola é reduzidíssima, fruto do avanço tecnológico, conforme tabelas apontadas acima, de tal forma que agricultura como geradora de renda e de emprego é apenas **mito**.

Portanto, impõe-se quebrar esse paradigma/modelo, ou seja, conscientizar-se que a agricultura nos últimos 200 anos (para os EUA) e aproximadamente nos últimos 80 anos para o Brasil, não gerou renda/riqueza e, muito menos, empregos.

D) Emprego e setor industrial: diminuição progressiva

Note-se que o emprego no setor industrial, do mesmo modo que ocorreu no setor agropecuário, também está diminuindo nos países desenvolvidos, ou seja, estão em processo de desindustrialização:

VIII - POPULAÇÃO ENVOLVIDA NO SETOR INDUSTRIAL NOS EUA

ano	(em %)
1950	33%
1960	30%
1999	26%
Próxima década - Peter Druker	12%
2030 (projeção) ⁴	2%

3. Banco Mundial. Almanaque Abril 2004, páginas 51 e 61.

4. Estudo da Federação Internacional dos Metalúrgicos, Genebra. In Jereremy Rifkin, p. 9.

E) Transição para o Setor Pós-industrial/Serviços - A Era do Acesso - A Nova Fronteira Capitalista

Os empregos dos setores ligados a agropecuária e ao setor industrial “convencional” estão migrando para o setor de serviços (atividade pós-industrial), conforme tabela abaixo:

IX - PARTICIPAÇÃO DOS SERVIÇOS NO PIB DE ALGUNS PAÍSES

país	SERVIÇOS - porcentagem do PIB
EUA	72% (ano 1999) e 75% (ano 2000)
Alemanha	68%
Japão	67%
França	71%
Brasil	56%
China	33%

O gráfico acima apresenta radical mudança de paradigma/modelo na economia que afeta a todos nós, **inclusive o futuro do emprego na forma que conhecemos hoje**, ou seja, a mudança da sociedade industrial para a sociedade pós-industrial (ou de serviços).

As bases da vida estão começando a se desintegrar (o que é sólido começa a se desmanchar).

Está havendo uma revolução silenciosa na economia global, anunciando a próxima fronteira capitalista, alterando algumas áreas essenciais a atividade produtiva do ser humano, implicando as seguintes mudanças:

- 1- **propriedade física** para o **acesso** (propriedade intelectual);
- 2- **produção industrial** para a **produção cultural**; e
- 3- **espaço geográfico** para o **ciberspaço**.

Na nova economia pós-industrial (serviços), os mercados estão cedendo lugar às redes, e a noção de propriedade (física) está sendo substituída paulatinamente pelo acesso (direito/licença de uso), afetando diretamente o emprego.

1. Mudança da propriedade física para o acesso (propriedade intelectual)

A velocidade das inovações tecnológicas e o ritmo frenético da atividade econômica está alterando a noção da propriedade física. É o início da desmaterialização da propriedade.

Em um mundo de produção recheado de inovação e atualizações contínuas e de ciclos de vida de produto cada vez mais breves, tudo se torna quase imediatamente desatualizado. Ter, guardar e acumular (propriedade), em uma economia em que a mudança em si é a única constante, faz cada vez menos sentido, em virtude da obsolescência.

Em face dessa nova postura, as empresas já estão a caminho da transição da propriedade física para o acesso (LICENÇA DE USO). Estão vendendo seus imóveis, reduzindo seus estoques, alugando seus equipamentos e terceirizando suas atividades, em uma corrida de vida ou morte para se livrar de todo tipo concebível de bens materiais. Possuir coisas passou a ser considerado fora de moda ou sem propósito na economia mais efêmera e de ritmo acelerado no terceiro milênio.

Em outras palavras, as empresas da nova economia não querem vender bens físicos, querem apenas fornecer acessos (licenças de uso por tempo limitado), ou seja, “bens invisíveis”.

A economia sem peso

A economia está encolhendo. Se a era industrial foi caracterizada pelo acúmulo de capital e de propriedade física, a nova economia valoriza as formas intangíveis de poder vinculadas a conjuntos de informações e ativos intelectuais. Em outras palavras, está havendo substituição de conteúdo **material** por **informações**.

A prova desse fato é que o **peso** médio das exportações americanas equivalentes a um dólar caiu pela metade, entre os anos 1990 e 1996.

Em 1991 a Inglaterra tornou-se o 1º país a ganhar mais com as exportações invisíveis (serviços) do que com as visíveis⁵.

Alugando DNA - genes e o controle do plasma germinativo das sementes

Na era industrial convencional os bens são vendidos. Todavia, os genes não são tratados da mesma forma. Os genes permanecem sendo propriedade dos fornecedores na forma de patente e são emprestados aos usuários por intervalos curtos. Essa postura é fruto da visão da nova economia

A relação fundamental entre os agricultores e suas sementes foi quebrada com a chegada das sementes transgênicas. Isso porque as sementes patenteadas NUNCA são vendidas, elas são arrendadas ao fazendeiro para uso único, em uma estação. As novas sementes colhidas pertencem ao detentor da patente e não podem ser usadas no próximo plantio, sem o pagamento pela licença de uso.

A eliminação da propriedade das sementes e sua concentração nas mãos de poucas empresas assinala um marco na história da agricultura, só não se sabe dizer se é para melhor.

2. Mudança da produção industrial para a produção cultural/informação

O capital intelectual passará a ser a força propulsora da nova economia (era do acesso). Conceitos, pessoas, idéias e imagens - e não coisas - são os verdadeiros itens de valor na nova economia.

A riqueza já não é mais investida no capital físico, mas na imaginação e na criatividade humana. Deve-se ressaltar que o capital intelectual raramente é trocado. Em vez disso, é detido pelos fornecedores, alugado ou licenciado para terceiros, para uso limitado. Daí o termo utilizado para representar o terceiro milênio: a ERA DO ACESSO.

O mercado de **TI (tecnologia da informação)** movimentou no ano de 1998 a cifra de 680 bilhões de dólares no mundo, excedendo a soma da agricultura, automóveis e têxteis⁶, juntas.

O maior setor exportador dos Estados Unidos é de **TI** (tecnologia da informação), num percentual de 29% do total exportado, envolvendo 10 milhões de trabalhadores, sendo que 85% são consideradas empresas de pequeno porte. Os EUA dominam 48% do mercado de software no mundo.

Ativos intangíveis

Investidores preferem possuir ações da Microsoft do que da IBM, mesmo sabendo que a Microsoft possui menos ativos.

5. McRae, Hamish. O Mundo em 2020. Editora Record, São Paulo 1994, pág. 27.

6. Fonte: OMC.

X - Ativos intangíveis X ativos reais

empresa	capitalização mercado 1996	ativos: fábrica, equipamentos
IBM	US\$ 70,7 bilhões	US\$16,6 bilhões
MICROSOFT	US\$ 85,5 bilhões	US\$ 930 milhões

O único ativo de valor da “fábrica” da Microsoft é a imaginação humana.

Lester Thurow, Professor do Instituto americano de Massachusets - MIT, ao ser entrevistado pela Revista Exame em 28/11/01, declarou:

“A questão é: do que o Bill Gates é dono? Bill Gates não tem terra, não tem ouro, não tem petróleo, não tem prédios, não tem máquinas... Na verdade, nem patentes ele tem. Mas o fato de controlar o processo de conhecimento faz dele a pessoa mais rica do mundo e de sua empresa a mais valiosa do mundo.”

4. espaço geográfico para o ciberespaço

A distância está evaporando. No passado a geografia era definidora de quem competia com quem. Atualmente, com a internet, a rede das redes, o mundo são seus clientes e seus competidores, tudo acessado instantaneamente com um clic.

Em uma sociedade alimentada pela noção de propriedade, diz o autor James Gleik: “o fato mais difícil de entender... é este: [a internet] não é uma coisa, não é uma entidade, não é uma organização. Ninguém a possui; ninguém a dirige. São simplesmente computadores de todos conectados”.

Estoque *just in time*

As empresas costumavam ter depósitos gigantes para estocar seus bens materiais. Agora, leitoras de código eletrônico localizadas no ponto-de-venda transmitem informações instantâneas para novos pedidos aos fornecedores, que então fabricam os produtos em horas ou dias e os entregam aos varejistas, dispensando de vez os depósitos, os vendedores. É o vendedor de silício...

Esse processo está em pleno vapor no Brasil, muito utilizado pela Shell, pelas montadoras de autos e pelos hipermercados.

Setor de serviço - Exemplo da força do turismo

O turismo mostra a força do setor de serviço, sendo certo que o faturamento obtido nesse setor supera o PIB do setor agrícola, conforme tabela a seguir.

XI - TURISMO - PARTICIPAÇÃO NO PIB DE ALGUNS PAÍSES

REINO UNIDO	12,2%
FRANÇA	12,0%
ESTADOS UNIDOS	11,6%
CHINA	9,7%
NIGÉRIA	2,0%

Fonte: *World Travel & Tourism Council*

XII - TURISMO - RECEITA EM DÓLARES

ESTADOS UNIDOS	67,0 bilhões de dólares
ESPANHA - FRANÇA - ITÁLIA	27 a 34,0 bilhões de dólares, cada país
BRASIL (2002)	3,1 bilhões de dólares

Fonte: Almanaque abril 2004, páginas 61 e 83.

O turismo mundial alcança a cifra de R\$483 bilhões de dólares, envolvendo 714 milhões de pessoas. O Brasil recebeu 3,8 milhões de turistas em 2002.

Para 40% dos países do mundo o turismo é a principal fonte de receita.

F) TERCEIRO SETOR

No século XXI o setor de mercado e o setor público desempenharão um papel cada vez mais reduzido na vida cotidiana dos seres humanos em todo o mundo. O vácuo do poder provavelmente será preenchido ou pelo crescimento de uma crescente subcultura da ilegalidade ou por meio de uma participação maior no terceiro setor. Isto **não** quer dizer que esses setores vão desaparecer - apenas que seu relacionamento com a massa de pessoas provavelmente mudará de maneira fundamental.

O Setor que está atualmente florescendo de forma consistente é formado pelo conjunto de entidades da sociedade civil que executam a ação social das empresas. Essas entidades executam políticas sociais nas áreas de educação, saúde e assistência social, por meio da transferência de recursos públicos, do setor privado e de organizações internacionais.

No ano 2000, no Brasil, investiram no social cerca de 4,7 bilhões de reais, o que equivale a 0,4 % do PIB.

No ano de 2001 o terceiro setor movimentou no Brasil 12 bilhões de reais, empregou 1,2 milhão de pessoas e atraiu ao redor de 1,5 milhão de voluntários. O setor movimentou 1,5 % do PIB brasileiro.

O Brasil possui atualmente 250 mil instituições formadas por ONG's (organizações não governamentais), sem fins lucrativos.

De acordo com dados da Comunidade solidária, em 1998, 44,2 milhões de pessoas, ou 50% da população adulta, fizeram doação ao terceiro setor.

No ano de 2002, segundo o IPEA, das 780 mil empresas formais do Brasil, 59% realizaram ações sociais.

Nos Estados Unidos o terceiro setor movimentou 6% do PIB e 9% dos empregos. Na Inglaterra 4% do PIB. Na Alemanha 2% do PIB.

O terceiro setor se confunde com os termos beneficente, voluntarismo, independente e economia social. É uma das soluções para absorver mão-de-obra desqualificada que não pode ser aproveitada pelo setor agropecuário (cada vez mais mecanizado), pelo setor industrial (robotização crescente) e pelo setor de serviços (pós-industrial - exigência elevada de técnica e de criatividade).

G) Conclusão

Conforme restou demonstrado, nos últimos 200 anos nos EUA e nos últimos 80 anos no Brasil, constatou-se que o setor agropecuário apresentou quadro decrescente de geração de riqueza e de empregos, quando comparado com outros setores da economia (indústria e serviço). Portanto, não procede a afirmação de que a agricultura é a vocação do Brasil. Em outras palavras, esse modelo (paradigma) deve ser quebrado. Agricultura é sinônimo de inovação tecnológica, não havendo, portanto, tendência de incremento de

empregos, mas redução, com substituição imediata por tratores, plantadeiras, colheitadeiras e etc, cada vez mais modernos e informatizados.

Por outro lado, a noção de propriedade (como bem físico) foi abalada pelo novo conceito imprimido pela nova economia, sendo paulatinamente substituída pela noção de ACESSO (propriedade intelectual).

Essa mudança resultou na redução dos imóveis, criação de produtos leves, a minituarização, estoques *just in time*, *leasing* e terceirização, que são evidências da desvalorização da visão do mundo físico/material (com ênfase apenas na materialidade).

Contudo, isso não deve sugerir o fim da ganância capitalista. Pelo contrário, na era do acesso, a ganância será aumentada em proporções geométricas

A defasagem entre os que têm posses e os que não têm é enorme, mas a defasagem entre os conectados e os desconectados é ainda maior. O mundo está se desenvolvendo rapidamente em duas civilizações distintas - aqueles que vivem dentro de portões eletrônicos do ciberespaço e aqueles que vivem do lado de fora deles, **é a chamada divisão digital.**

Essas mudanças trarão inúmeras questões econômicas e sociais perturbadoras. Precisamos repensar o contrato social do começo ao fim se quisermos lidar seriamente com os impactos de um mundo baseado mais no acesso que na propriedade.

A saída que se vislumbra implica no deslocamento dos trabalhadores desqualificados da agropecuária e do setor industrial convencional, já que não serão absorvidos pelo setor de serviços (que requer alta qualificação), para o terceiro setor. Este sim, receberá esse contingente de pessoas a margem do sistema, no estado em que se encontram.

Essas mudanças apresentam os maiores desafios na manutenção e/ou conquista do emprego no terceiro milênio.

H)Referências Bibliográficas

- RIFKIN, Jeremy. "A Era do Acesso". Editora Makron Books, 2001;
- McRae, Hamish. O Mundo em 2020. Editora Record, SP, 1994;
- Secretaria da Fazenda. SEPLAN-GO/SEFIN. Revista Economia e Desenvolvimento. Ano V, nº 15 abril/junho de 2004 - suplemento;
- Singer, Paul. A formação da classe operária. Editora Atual, 2ª edição;
- Almanaque Abril 2004: citando dados do IBGE, do Banco Mundial, da OMC e *World Travel & Tourism Council*.